TUDO O QUE EU TRABALHEI tão arduamente para construir desabou sobre a minha cabeça em uma avalanche cruel. Não... não foi um desastre natural. Fui eu — *eu* era o desastre.

Se eu explodi ou implodi ainda era algo a se descobrir, mas bastava dizer que me desfiz em pedaços tão rápido quanto um fogo de artifício. Eu sabia que estava errada, e sabia que ultrapassar limites tinha feito Shimamura pular do barco. Mas o que mais eu poderia fazer? Eu só falei a verdade. Tudo o que eu fiz e disse (ou gritei, nesse caso) foi uma reação honesta aos meus próprios sentimentos.

Eu sabia que insistir no assunto causaria atritos e outras complicações imprevisíveis, mas não consegui me controlar. No fim, eu era o tipo corrupto de fogo de artifício, espalhando minhas entranhas por todos os lados.

***

Todos os dias depois disso foram dedicados a juntar os pedaços do meu próprio casco despedaçado. Já era o terceiro dia sentada na minha cama, soltando suspiros pesados. Embora estivesse me recuperando aos poucos do desespero, meu coração ainda estava atormentado pelo arrependimento.

Eu não tinha ouvido nem uma única vez a voz da Shimamura desde então — sem ligações, sem mensagens. Como era de se esperar, ela não tentou iniciar

nenhuma conversa, e meu telefone estava tão silencioso quanto um túmulo. Agarrando-o, me joguei na cama e rolei de um lado para o outro. A depressão me puxava para baixo como a gravidade, e eu estava afundando lentamente.

Agora que pensava nisso, essa tinha sido nossa primeira briga — ou já havia acontecido outra no passado? Ainda contava como uma "briga" se ela tivesse me descartado de vez? O pior cenário possível surgia na minha mente repetidamente, cada vez tão doloroso quanto a última.

Me sentei na cama. *Não. Não vou deixar isso acontecer, de jeito nenhum.*

Eu me sentia tão rejeitada que meu estômago revirava, e minha mente gritava. Por que eu avancei de cabeça sem respeitar como isso poderia desgastar nossa conexão? Eu queria — não, eu *precisava* — consertar as coisas com ela. Precisava que tudo voltasse ao normal.

Deveria ligar para ela? Não, talvez enviar uma mensagem? Não, eu deveria ligar, certo? Eu hesitava, dava um passo para frente e outro para trás. Tudo o que eu sabia com certeza era que não podia deixar as coisas assim.

Do lado de fora da janela, as nuvens passavam rapidamente. Diziam que a população de cigarras estava baixa este ano, mas eu podia ouvi-las claramente. O tempo passava enquanto eu permanecia ali, encolhida como uma bola. Mas, embora minha tristeza e dor pudessem diminuir com o tempo, meu amor não diminuiria.

"*…Amor?*"

O pensamento fugaz fez minhas bochechas corarem. Certamente eu estava exagerando… ou não? Admirar alguém profundamente… ansiar por conhecer tudo sobre essa pessoa… Do meu ponto de vista, essas coisas poderiam ser consideradas uma forma de amor, de certo modo. Então sim, eu amava a Shimamura. E não havia nada de errado nisso.

Deus, me mata! Eu me forcei a olhar para frente, embora soubesse que estava fadada a terminar o dia com um torcicolo. Meu "amor" (ainda a ser determinado) me provocava, dizendo que algo precisava mudar. Eu precisava agir, e o primeiro passo era falar com ela — então a melhor opção era uma ligação.

Minha tela já estava escorregadia com o suor da determinação na palma da mão. Ainda assim, abri hesitante o contato da Shimamura. Mas minha covardia interior já mostrava sua face, preocupada que Shimamura pudesse simplesmente me mandar direto para a caixa postal. O que eu faria então? Eu conseguiria aceitar a rejeição, deixar para lá e seguir em frente?

Meu coração havia erguido uma dúzia de campos de força para minimizar qualquer possível dano, mas eu os afastei como teias de aranha. Com o incentivo das mais de setenta mensagens não enviadas nos meus rascunhos, pressionei o botão e entrei em contato com a Shimamura.

Não havia garantia de que isso iria acabar bem, e, honestamente, eu não estava preparada para o que aconteceria se ela me afastasse. Mas a vida era cheia de momentos em que a única opção era improvisar, e esse era um deles. Para mim, Shimamura era uma parte essencial da minha adolescência.

Cada segundo esperando a ligação conectar era uma nova *forma de tortura*. Ele tocava, tocava, tocava—

“Sim? Alô?”

“AAAAAHHH!”

Meus olhos e lábios vacilaram, traindo o pânico que eu não deveria demonstrar. Meu coração doía como se estivesse sendo esmagado por um torno, e eu me encolhi na cama. Não era incomum a voz da Shimamura me deixar nervosa, mas desta vez era decididamente diferente. O medo estava vencendo, correndo pelas minhas veias como veneno, deixando meus dedos dormentes.

“Alôooo? Sakura-chaaan?”

Não havia nenhum traço de irritação ou hostilidade em sua voz, nenhuma tentativa de rodeios — apenas uma conexão direta entre mim e ela. Minha primeira reação foi alívio, seguida por: “Ah, oi... Sh-Shimamura-san.”

Eu soava como uma criança que não tinha certeza se a mãe estava brava com ela. Bem a minha cara.

“Hã? Por que tão formal de repente?”

“Ah, o-ok… Vou só te chamar de Shimamura, então.”

“Você tem me chamado de Shimamura *o tempo todo*, sua boba. De qualquer forma, o que foi?”

Você e eu sabemos muito bem “o que foi”! Isso tem me tirado o sono, e eu estou um completo caos! Ou será que era o tipo de detalhe insignificante que ela conseguia ignorar depois de três dias? Eu odiava sentir que éramos pessoas tão diferentes… mas, ao mesmo tempo, isso me dava uma ponta de esperança.

Antes de começar, ajustei minha postura. A tensão no meu peito diminuiu um pouco, me dando espaço suficiente para que meus desejos — e minha voz — florescessem. *Vamos fazer isso acontecer!*

“Shimamura?”

“Simmm?”

Sério, o que diabos aconteceu da última vez? Porque eu não gostei nada disso, e também ainda tenho muitas preocupações, e preciso que você me dê respostas, e sei que você disse que eu sou irritante, mas às vezes essa sua atitude despreocupada pode ser muito frustrante para mim também, então, por favor, não me assuste desse jeito! Você não sabe o quanto eu quero gritar e chorar e me agarrar a você, porque, sendo honesta, sinto que posso desabar e começar a soluçar a qualquer momento, porque eu tenho o direito de reclamar e também acho que tenho o direito de saber mais sobre você, então, por favor, só me diga, ou, colocando de outra forma, basicamente, resumindo—

"Eu estava pensando que a gente poderia sair para algum lugar."

Enquanto meus pensamentos rodopiavam e fervilhavam sem parar na minha cabeça, esse foi o resultado final. Eu não tinha experiência de vida suficiente para saber ao certo, mas, se tivesse que adivinhar, provavelmente era algo semelhante a quando eu era mais nova e implorava para minha mãe me levar em uma viagem. Enquanto esperava pela resposta dela, segurei meu celular com força. O resto do meu corpo agora estava tão suado quanto minhas mãos.

"Claro, parece bom."

Em contraste, a voz da Shimamura era fria e composta, concordando de forma tão rápida e natural quanto a oscilação de um ventilador elétrico… *Espera, o quê?* Isso estava se mostrando tão fácil que começava a me deixar nervosa. Era como se a ligação que tivemos no outro dia nem tivesse acontecido… Meu cérebro deu um nó.

"Vamos hoje, ou…?"

"Hã? Sim… Erm, na verdade, vamos, ah, deixar para amanhã!"

Eu queria vê-la o mais rápido possível, mas, se me encontrasse com ela nesse estado, provavelmente ficaria nervosa e acabaria me humilhando. No fundo da minha mente, uma voz perguntou: "Você já não fez isso um monte de vezes?" — mas ignorei.

"Ah, amanhã. Já planejou o que quer fazer?"

"Com certeza," respondi, pegando minha lista de afazeres de verão. *É sua hora de brilhar, meu amigo.* "Primeiro, hum, quero ir às compras..."

"Uhum?"

"Depois ir à piscina..."

"Uhum...?"

"E então passar a noite na sua casa... se estiver tudo bem pra você."

E assim, li a lista inteira, de cima a baixo. *Argh! Estava tão empolgada que esqueci a parte sobre dar as mãos! Bem, isso provavelmente vai acontecer em algum momento durante as outras coisas. Só preciso garantir que aconteça.*

"Parece um plano sólido, mas... quase soa como se você estivesse lendo de um roteiro..."

Uma observação perspicaz, já que eu realmente estava lendo minha lista pré-planejada em voz alta. Mas, pode ter certeza, eu realmente queria dizer cada palavra.

"Não me importo de ir à piscina, mas tem certeza de que quer dormir aqui? O quarto de cima não tem ar-condicionado, então vai estar quente."

"Não se preocupe, vou ficar bem! Na verdade, eu gosto de calor."

Minha boca estava praticamente no modo automático. *"Eu gosto de calor"? Tem certeza disso, cérebro?*

"Sério? Me lembro de você reclamando disso lá no segundo andar do ginásio..."

"Uhhh... b-bem, eu sou mais madura agora do que costumava ser! Cresci muito no último ano. E logo você pode ver por si mesma! Weh heh hoo hoo heh!" Finalizei com uma risada forçada para disfarçar meu deslize.

"Tá bom, então... Bom, pra ser justa, *percebi* que você está sempre corada, então talvez seja naturalmente imune ao calor."

O que *isso* queria dizer? Bem, ela estava certa. Eu podia ficar vermelha a qualquer momento, incluindo agora.

E assim, ela me deu permissão para dormir na casa dela. Olhando para minha lista de afazeres, senti um alívio ao saber que meus sonhos logo se tornariam realidade. Mas eu não podia cair logo de cara, senão nunca chegaria à linha de chegada — embora, tecnicamente, eu já tivesse chegado. E, de alguma forma, tudo estava dando certo a meu favor.

Depois disso, combinamos o horário e o local do encontro, e então percebi que Shimamura estava começando a encerrar a ligação.

"Bom, te vejo amanhã."

"É... Ei, uh, Shimamura?" Enquanto a voz dela se afastava, eu me agarrei a ela como se fosse a última coisa que eu faria.

"Hmmm?" A voz dela se aproximou novamente.

"Estou muito feliz por ter ouvido sua voz... e, hum... conversado e tal." Eu estava com medo de que isso a afastasse novamente, mas eu precisava dizer.

"Fico feliz em ouvir isso," ela riu. E com isso, desligou. Pessoalmente, eu sou péssima em encerrar ligações, então eu até apreciei... mas, ao mesmo tempo, a ausência da voz dela me deixou triste.

Por um momento, fiquei ali sentada, com o braço congelado no lugar. *Isso significa que a ligação correu bem, ou o quê?* O problema foi resolvido tão facilmente que me pareceu anticlimático. Apesar de toda a minha angústia, a briga havia terminado tão rápido quanto começou, e sem que eu precisasse levantar um dedo.

Não deveria ter ocorrido pelo menos uma ação para resolver o conflito? Um pedido de desculpas ou algo assim? Aparentemente, essa cena foi cortada do roteiro. Ela trocou de assunto com a mesma leveza de uma conversa sobre o tempo, e a resolução foi tão frágil que era difícil confiar nela. Será que realmente resolvi tudo com uma única ligação? Impulsivamente, dei um pequeno balanço no meu telefone.

“Estou perdendo alguma coisa…?”

Eu simplesmente não estava convencida. Algo parecia claramente errado — como se eu tivesse tirado nota máxima entregando uma folha em branco na escola. Mas por mais que eu tentasse, não conseguia identificar qual era o problema.

“…Ah…”

Eu esqueci de fazer planos com ela para ir a um festival. Olhando para minha lista de afazeres, pude ver que estava escrito em letra pequena perto do final. Mas o desconforto ainda permanecia, então claramente isso também não era a raiz do problema.

Ainda assim, eu não tinha tempo para ficar sentada, me atormentando sem fim. Eu precisava focar nas coisas que eu sabia com certeza... como o fato de que eu iria à piscina com a Shimamura amanhã. Nesse caso, eu precisaria comprar um maiô.

Eu me levantei tão rápido que quase esqueci minha carteira. Eu podia sentir a energia voltando a cada molécula do meu corpo. E, finalmente, percebi: *a Shimamura me dá vida.*

***

Todo mundo gosta de presentes, certo? Presentes são gestos destinados a fazer as pessoas gostarem de você e a fazê-las se sentir bem.

No entanto... isso não significava necessariamente que essa fosse a escolha certa. Com o menor movimento dos meus ombros, a fragrância pungente picou minhas narinas.

Era o dia seguinte à ligação e eu estava no nosso ponto de encontro — a entrada do shopping — segurando um buquê. Depois de muita indecisão, esse foi o presente que acabei decidindo que seria o melhor. O simples fato de vê-lo fez um suor frio escorrer pelas minhas costas.

Será que estava exagerando ao levar um grande buquê colorido para um passeio com uma amiga? A resposta, sem hesitação, era sim. Nos momentos mais calmos, eu tinha a sensatez de perceber isso, mas quando o pânico tomava conta de mim, eu corria em direções selvagens que nem *eu* mesma conseguia explicar. Por um momento, pensei que talvez eu não pudesse esperar tomar boas decisões naquele estado mental, mas isso não explicava como eu conseguia errar *toda vez*. Pensamento racional claramente não era o meu ponto forte.

Como era férias de verão, o estacionamento estava lotado, e o bicicletário estava transbordando. Eu observava famílias e grupos de adolescentes entrando e saindo do prédio enquanto ficava ali, segurando um buquê. Eu devia parecer que estava esperando por uma celebridade. *Quase isso, eu acho.*

À medida que a pressão do buquê se intensificava, outras preocupações começaram a tomar forma. Será que a Shimamura estaria de mau humor quando chegasse? Ela parecia bem normal ao telefone, mas e se...? A incerteza roía meu coração, desgastando a superfície. E se ela fosse malvada e ríspida? Essa ideia me aterrorizava.

Claro, se eu fosse realmente a culpada, tudo o que eu precisaria fazer seria pedir desculpas de forma sincera... mas dessa vez, parecia que havia algo mais, como uma diferença crítica em nossos valores e pontos de vista. Será que havia realmente uma solução para isso? Enquanto olhava para o estacionamento e esperava pela sua chegada, só me restava rezar para que nossa briga tivesse acabado.

Como torres de rádio, as árvores espalhadas transmitiam o canto das cigarras. Sem vento, apenas os insetos conseguiam cortar a onda de calor interminável.

Meus lábios estavam secos, tanto por dentro quanto por fora. Enquanto isso, Shimamura ainda não havia chegado... mas claro, era minha culpa por ter chegado cedo (de novo) como resultado direto da ansiedade (como sempre).

Será que eu encontraria a felicidade hoje?

O tempo passou, e eu nem consegui aproveitar o cheiro das flores. Olhei a hora no meu celular; ainda faltava meia hora para ela chegar. Mas, justo naquele momento, avistei alguém acenando em minha direção. Levantei os olhos e quase recuei.

Era a Shimamura, carregando uma sacola extra além da habitual. E ela estava adiantada também! *Que horas eram mesmo? Ah, certo. Ela está trinta minutos adiantada!* Por que ela sempre encontrava novas formas de me deixar nervosa?

Ela ainda estava a uma boa distância, mas no momento em que nossos olhares se cruzaram, meu estômago se apertou e meus ombros se enrijeceram. Fiquei ali esperando por ela, nervosa demais até para piscar.

"Ei!"

"...Oi." Em contraste direto com seu aceno casual, eu inclinei a cabeça de maneira estoica. Meus ombros já estavam travados.

Enquanto se aproximava, ela fez um gesto com a mão que ainda estava acenando, apontando para o buquê. "Isso é pra quê?"

"Huh? Er... e-eles são pra você."

Eu entreguei o buquê a ela. Com os olhos bem abertos, ela abraçou as flores, que a favoreciam muito mais do que uma idiota sem noção como eu. *Sim... Ela está linda*, pensei comigo enquanto a observava.

"...Mas *pra quê* seria?"

Não pergunte pra mim. Tudo o que eu sei é que eu paguei por isso, e agora está aqui.

"Eu fiz algo digno de comemoração recentemente? Cheguei a 2.000 hits no beisebol? Não... Escapei do *SS Espoir*? Não... Hmmm..."

"Eu... Eu pensei que fosse, tipo, um... símbolo de amizade restaurada?"

Finalmente, encontrei uma desculpa mais ou menos decente. Mas, do outro lado do jardim de flores, Shimamura inclinou a cabeça. "O que você quer dizer com amizade restaurada?"

"O quê?"

Essa reação não foi exatamente o que eu esperava, e pude sentir a confusão me tomar. Um suor frio escorreu por todo o meu corpo. *Ela ainda está brava comigo, não está?!* Engoli em seco e esperei.

"Ah!" Após um momento, ela pareceu lembrar. Então olhou para mim e sorriu de forma desconfortável. "Ééé... Eu acho que a gente *teve* uma briga, né?"

Parece que ela só se deu conta disso agora. Mas antes que eu pudesse parar para analisar os prós e contras disso—

"Acho que agora estamos de bem," ela continuou, segurando o buquê.

"Uh... sim," eu assenti, sem saber o que mais dizer.

Tudo aconteceu em um piscar de olhos — como se tivesse comido uma salada no almoço. Você pensaria que seria refrescante, mas, na verdade, foi sem graça e insustancial.

"Acho que é a primeira vez que alguém me dá flores..."

“Espera, sério?”

“Bem, você nunca realmente tem a oportunidade de receber flores quando leva uma vida normal, né?”

Justo. Eu estava quase certa de que *eu* nunca tinha recebido flores também. Mas meus olhos começaram a brilhar à medida que a realização se instalava. *É a primeira vez dela!*

“Quando eu me aposentei do time de basquete na escola, o máximo que me deram foi, tipo, uma lata de refrigerante.” Enquanto falava, ela deu uma batidinha no papel de embrulho do buquê.

“Ah, entendi…”

“Espera, por que você está tão suada? Você poderia ter se refrescado mais se tivesse esperado dentro, sua boba.”

Ela puxou um pano e me ofereceu silenciosamente. Eu peguei, e então…

“Shi…”

“…mamura? Sou eu. O que foi?”

Deus, ela consegue me ler direitinho! Ela sabe exatamente o que vou dizer! “Eu só... queria te ver o mais rápido possível.”

Enquanto falava, senti minhas orelhas queimando de tão vermelhas. Sinceramente, fiquei surpresa ao perceber que meu corpo ainda não havia alcançado sua temperatura máxima. Baixei a cabeça, espiando ela para tentar perceber sua reação.

“O que quer dizer com ‘o mais rápido possível’? A entrada é tipo, bem ali—”

“Isso ainda é longe demais!” Eu interrompi, com os ombros quase chegando às orelhas. “Eu queria estar…”

Tão perto quanto possível. As palavras giravam em minha mente, mas não consegui soltá-las. Meus lábios tremiam impotentes. Mas enquanto eu ficava ali, totalmente incapaz de fazer contato visual, Shimamura se inclinou gentilmente para olhar meu rosto. Então, antes que eu pudesse reagir, ela pegou o pano da minha mão e limpou minha testa.

Fiquei tão atordoada que a encarei como uma idiota, com a boca aberta.

Enquanto isso, ela continuava a limpar meu pescoço. Meu olhar vacilou, acompanhando meus lábios. Dada a situação e minha pele pálida como um fantasma, ela provavelmente estava preocupada que eu fosse desmaiar de calor.

“Então, é... você chegou bem cedo hoje!” Eu gaguejei, convenientemente ignorando o fato de que eu mesma tinha chegado ainda mais cedo.

“É, porque imaginei que *você* fosse chegar cedo,” ela respondeu, casualmente.

Mais uma vez, ela tinha previsto meu comportamento corretamente. Mas não parecia que ela realmente me entendia; ela estava apenas arranhando a superfície. Então, eu não estava exatamente pulando de alegria — só, sabe, estava *meio-alegre*.

“Agora você já está toda seca.”

“Ah... é... l-l-legal...”

Eu estava tão nervosa que soava como uma galinha cacarejando. Rapidamente, eu me alinhei ao lado dela; isso era o suficiente para que ela intuísse o que eu queria, e estendeu a mão direita. "Aqui."

Cara, eu realmente não fiz nenhum progresso, não é? Enquanto minha mente fervia, eu aceitei a mão dela, e minhas emoções se agitaram no meu peito enquanto pensava: *este é o primeiro contato físico que tive com ela em dias.*

"Se ao menos minha irmã se comportasse tão bem quanto você."

"O quê?"

"Nada."

Com minha mão na dela, ela se virou e começou a caminhar. E com o buquê apertado contra o peito, ela era a própria imagem da beleza. Estranhamente, eu não conseguia tirar os olhos dela.

"...Mas, falando sério, o que é isso?" ela repetiu após um momento, olhando para as flores balançando barulhentamente sob o queixo. Então vi ela sorrir suavemente e senti um alívio imediato.

Minha outra mão se fechou em um punho, apertando a lista de afazeres invisível que guardava no meu coração.

***

Antes de irmos às compras, decidimos fazer uma breve parada na casa da Shimamura. Ela disse que queria dar água às flores antes que murchassem.

“Quero dizer, elas são tão bonitas... Seria uma pena se morressem. E também, é meio difícil carregar elas por aí.”

“Ah...”

“Não se preocupe. Temos tempo de sobra.”

Ela sorriu como se pudesse ler minha mente, e meus lábios se abriram em surpresa. *Ela sorriu para mim!* Uma sensação quente preencheu meu peito, superando o calor do sol de verão. Meio estranho como o corpo humano pode sentir tanto “quente” quanto “calor” ao mesmo tempo, mas acho que isso é um dos grandes mistérios da vida.

Shimamura subiu na parte de trás da minha bicicleta, e seguimos em direção à casa dela. Durante o trajeto, meu suor se transformou em algo fresco e revigorante.

“Ah, já voltou?”

A mãe de Shimamura nos cumprimentou enquanto polia os sapatos na entrada. *Déjà vu*. Fiz uma reverência educada a ela, então segui Shimamura para dentro.

“Ah, olá! Pode entrar!”

“Vamos sair de novo em um minuto. Só passei para deixar as flores.”

“Flores? De quem?”

Shimamura apontou com o queixo para mim. Então, a mãe dela olhou para mim, e eu lutei contra a vontade de fugir.

“Hoje não é seu aniversário, é?”

“Na verdade, é! Você não comprou nada para mim?”

Brincando, Shimamura estendeu a palma da mão, esperando. A mãe de Shimamura se inclinou para frente e mordeu os dedos da filha.

“Aaagh!” Shimamura retirou a mão rapidamente.

Com uma risada, a mãe se agachou e se afastou rapidamente. Ela era tão estranhamente ágil que eu tive que assumir que fazia esse tipo de coisa o tempo todo. Olhei para Shimamura, que coçou a cabeça de forma desconfortável.

“Bem, você e sua mãe são bem próximas, né?”

“O quê? Você acha isso? Porque eu acho que é o oposto,” ela protestou com uma voz bem firme.

Então, a mãe de Shimamura voltou para a sala. Agora, ela não estava segurando um pano, mas sim um vaso azul de pescoço longo.

“Aqui está o vaso. Coloquei um pouco de água para você.”

“Sim, eu percebi... Obrigada.” Shimamura pegou o vaso e o colocou na prateleira perto da porta. “Ah, e a Adachi vai dormir aqui hoje.”

“Vai mesmo?” A mãe de Shimamura me olhou, inclinou ligeiramente a cabeça e sorriu. “Vai ajudar a Hougetsu com a lição de casa ou algo assim?”

“Hã…?” *Eu*? Como uma covarde, olhei para Shimamura em busca de ajuda. Eu senti que a mãe dela tinha uma compreensão profundamente equivocada sobre nossa amizade.

“*Na verdade*, tenho sido uma estudante bem decente ultimamente, só pra avisar,” ela fez um biquinho.

“Ha! Que bebê!” a mãe dela zombou enquanto saía da sala.

Bufando, Shimamura desfez o buquê e alinhou as flores ao lado do vaso. Agora que a mãe dela tinha saído, me senti quase… impressionada. Só uma mãe poderia provocar uma reação tão imatura da filha.

Para a mãe dela, ela era uma criança; para a irmã mais nova, era uma irmã mais velha. Então, o que ela era para mim?

“Sei lá. Isso vai me levar só um segundo.”

“Certo.”

Fiquei de lado observando enquanto ela colocava cada flor no vaso. Então, finalmente, cedi e olhei na direção dos olhos que sentia me observando. Era a irmã mais nova de Shimamura, nos espionando do corredor.

O olhar nada amigável dela me fez encolher nos ombros. Ela me lembrava um pequeno animal selvagem espiando das sombras. *Já vi isso em algum lugar antes... Ah, é. No espelho.*

Atrás da irmã mais nova de Shimamura, apareceu uma cabeça de cabelo azul brilhante, fios cintilantes caindo sobre ela.

“Para com isso, Yachi! Vai chamar muita atenção!”

A irmã mais nova de Shimamura empurrou a garota de cabelo azul, mas a outra empurrou de volta com força. Elas se desequilibraram, avançando e recuando, cada uma apertando as bochechas da outra… Algum tipo de brincadeira, eu acho.

“A melhor amiga da minha irmã é uma verdadeira esquisitona,” Shimamura explicou, observando as garotas enquanto continuava seu trabalho. Seu olhar vagou até que se fixou em mim. Ela me encarou por um longo momento, e então continuou, sem rodeios: “Mas acho que a minha também é.”

Com isso, ela voltou para as flores. Um segundo depois, percebi o que ela quis dizer. *Com licença?!* Meus olhos se arregalaram. Para ela, eu sou uma esquisitona? Anormal? *Bem, ok, até entendo, mas certamente eu não sou tão estranha quanto a garota com CABELO AZUL!*

Surpresa, olhei para a garota em questão. Ela estava esfregando a bochecha contra a irmã mais nova da Shimamura, e a irmã parecia bem feliz com isso, pois estava sorrindo e corada. No começo, fiquei impressionada com o fato de

conseguirem fazer isso nesse calor, mas então percebi que, se eu tivesse permissão para esfregar minha bochecha contra a *da Shimamura*, faria isso num piscar de olhos, não importando a estação... *Espera, o quê? Como meu pensamento foi parar nesse tópico? Onde eu estava?*

“Pronto, terminei. Obrigada pelas flores, Adachi,” Shimamura me disse enquanto dobrava cuidadosamente o papel de embrulho. Para ser sincera, eu estava nas nuvens, mas tinha que manter a calma.

“Ah, claro, sem problema. Fico feliz que tenha gostado.” Desta vez, eu realmente fiz um bom trabalho de manter a compostura.

“Então, você disse que quer ir às compras primeiro?”

“Ah, sim. Ou a gente pode fazer isso mais tarde e ir para a piscina primeiro, se você quiser.” Levantei a bolsa com meu maiô até o nível dos olhos. Ela olhou por trás dela para dar uma olhada no meu rosto.

“Você é boa nadadora? Me parece o tipo de pessoa bem específica com os próprios hobbies.”

“Hã? Bem, quero dizer, está muito quente lá fora, e eu gosto de… ficar refrescada...?” Eu movi a mão de forma displicente. Não, eu não era exatamente uma pessoa tão específica em relação a ver ela de maiô. Mas, milagrosamente, eu tive o bom senso de não dizer isso em voz alta.

“Mas você faltou todas as aulas de natação na escola...”

“…Bem, a escola é diferente.” *Porque ir à piscina com você realmente significa algo para mim.*

Enquanto conversávamos, ela abriu a porta e saiu.

“Certo então…” Ela apertou os olhos por causa do sol. “Vamos para a piscina primeiro.”

“Beleza.” Mentalmente, eu coloquei uma estrela dourada na minha lista invisível de afazeres.

“Para qual piscina a gente vai?”

“Uhhh... Alguma preferência?” Eu já havia feito a pesquisa antes, mas queria levar em conta a opinião dela.

“Eu não chamaria de *preferência*, mas eu conheço uma que é coberta... Ah, mas...” Por algum motivo, ela me olhou e fez uma careta. “Talvez a gente não devesse ir lá. Provavelmente não. Ou devemos?”

Eu não fazia ideia do que ela estava falando, e fiquei ligeiramente alarmada. “Eu estou bem com qualquer lugar, contanto que a gente esteja junto.”

“Sim, eu sei, mas... hmmm... Bem, acho que tudo bem. É perto e barato,” ela assentiu. “E você está *bem com qualquer lugar*, né?” ela acrescentou, imitando minha escolha de palavras de forma brincalhona. Eu queria muito saber o motivo de ela achar que não deveríamos ir, mas agora seus lábios estavam selados com um sorriso forçado. *Assustador.*

Então decidimos seguir a sugestão de Shimamura. Mais uma vez, ela ficou na parte de trás da minha bicicleta. Sentindo o peso dela contra meus ombros, comecei a pedalar.

Nós flutuávamos tranquilamente sob o sol de verão, apenas eu e a Shimamura. A primeira vista, parecia que tudo estava de volta ao normal. Mas eu ainda tinha tantas perguntas na minha mente. Por exemplo: Quem era aquela outra garota com quem ela estava?

...Pensando bem, de alguma forma, todas as minhas perguntas levavam a essa. Eu queria que ela esclarecesse as coisas. E eu precisava da verdade, seja lá qual fosse, para poder tomar uma decisão consciente sobre o que fazer daqui pra frente.

Mas, se eu ficasse emocional demais e começasse a pressioná-la, ela poderia me afastar de novo, e nesse ponto eu provavelmente nunca descobriria. Uma base sólida ainda não tinha sido estabelecida entre nós. Estávamos como... eu não sei... como duas folhas flutuando no rio. Ainda estávamos juntas por enquanto, mas apenas por acaso, e a mais leve brisa ou mudança na correnteza nos separaria novamente. Nosso relacionamento existente estava longe de ser seguro.

Talvez fosse por isso que eu sentia tanto carinho pelas mãos dela nos meus ombros estavam lá. Era aquela gravidade passageira que nos mantinha conectadas.

***

As direções de Shimamura nos levaram até uma academia esportiva, onde uma placa azul e branca nos cumprimentava na entrada. Todas as vagas de estacionamento estavam ocupadas, inclusive as do outro lado da rua. A luz do sol refletia nos capôs dos carros, me cegando de todos os ângulos.

“A mãe tem uma matrícula aqui.”

“Ah, legal.”

Enquanto ela tirava a bolsa da cesta da minha bicicleta, ela congelou por um segundo e me olhou. “*Minha* mãe, quero dizer.”

Por que ela achou que eu precisava que ela esclarecesse isso? Meu olhar vagou em confusão.

“Tá, vamos lá!” ela continuou com um sorriso. A visão foi suficiente para fazer meu sangue pulsar de medo e empolgação, e eu já estava suando bastante.

De acordo com Shimamura, a matrícula da mãe dela permitia que ela comprasse vouchers para a piscina, que ela então repassava para a filha. O sistema garantia que a piscina nunca ficasse lotada, e eu podia entender bem por que ela preferia assim. Nessa época do ano, com esse calor, provavelmente havia uma verdadeira *multidão* interessada numa piscina interna. A piscina do ginásio estava começando a parecer a escolha certa.

Enquanto passávamos pela recepção, Shimamura me guiou à direita, até o vestiário. Além das janelas de vidro, eu conseguia ver a piscina — sem luzes acesas, agradavelmente escuro, com um monte de idosos nadando por ali. Havia um número considerável de pessoas caminhando na água na parede mais distante, todas com mais de cinquenta anos. Mas agora que eu pensava nisso, era um dia de semana durante as férias de verão, então os grupos mais jovens provavelmente estavam trabalhando das nove às cinco. Talvez aparecessem mais tarde à noite.

“Tem saunas lá no fundo, mas acho que os nossos vouchers para a piscina normalmente não dão direito de usar elas.”

Isso não me empolgou muito, então eu apenas assenti. *Acredite, já está parecendo uma sauna lá fora.* Então, Shimamura parou ao lado da máquina de vendas, e eu pensei que talvez ela fosse comprar algo—

“Tem saunas, mas não podemos usá-las.”

Por que ela continuava repetindo as coisas hoje? Ela estava agindo uns 20% mais estranha do que o normal.

Então, entramos no vestiário e, enquanto eu olhava ao redor para os armários, uma certa verdade imutável foi lentamente se instalando em minha mente, reverberando cada vez mais forte a cada passo que eu dava:

Shimamura e eu iríamos tirar nossas roupas no mesmo quarto.

Não havia nada de estranho nisso, e ainda assim o pensamento insistia em minha mente. Quero dizer, obviamente eu não tinha nenhum interesse no corpo nu dela — eu não era esse tipo de garota. Mas, por algum motivo, havia uma

timidez que me fazia desviar o olhar e não conseguia me livrar disso. O que exatamente estava me incomodando?

As nossas chaves eram apenas um número de diferença, e os nossos armários estavam praticamente lado a lado. Não haveria como esconder. *Esconder o quê?* Esconder uma da outra. *Esconder O QUÊ, exatamente?!* Minha mão tremia enquanto eu tentava girar a chave na fechadura.

Pelo canto do olho, vi Shimamura deixar a bolsa no chão. O que há de errado comigo? Se eu seguisse esse pânico até sua origem, o que eu encontraria lá? Tentei reformular minha inquietação como uma questão filosófica, mas não funcionou, porque meu coração ainda estava disparado.

Então, Shimamura tirou a roupa... revelando o maiô por baixo.

"....."

Era um maiô fornecido pela escola. Aparentemente, ela estava usando-o por baixo das roupas o tempo todo. Enquanto colocava a touca de natação, ela me olhou. "O que foi?"

Balancei a cabeça vigorosamente, esquecendo convenientemente de esclarecer exatamente o que eu estava negando.

"Ah, já sei. Aposto que você acha que meu maiô me faz parecer uma criança," ela disse com um sorriso enquanto ajustava as alças do ombro.

"Não, eu... Ok, talvez. Só um pouco." *Certo, vai assim mesmo.*

"Bem, você não está errada! Ha ha ha!" Ela desviou o olhar, exibindo uma timidez pouco habitual. "É só que é fácil de usar por baixo das minhas roupas normais, então agora virou um hábito."

"Ha ha ha..." *Ha... ha...*

Sinceramente, eu não esperava que ela usasse o maiô da escola. Se soubesse, teria usado o meu.

Ela colocou os óculos de natação sobre a touca e ficou me esperando pacientemente, com os braços cruzados. *Espera... Ela vai ficar ali me observando?!* Agora eu estava ficando nervosa de uma maneira completamente diferente. *Me despir... na frente da... Shimamura...* Minha mente tropeçou em cada palavra enquanto uma névoa quente envolvia minha cabeça.

Fiquei congelada, segurando a barra das minhas roupas. *Pelo amor de Deus, com o que eu tô preocupada? Tá tudo bem! Relaxa!* Gritei internamente, usando esse impulso para tirar a roupa até ficar de roupa íntima. Nesse ponto, eu senti

que estava parando bruscamente, com faíscas voando pelos trilhos do trem. Minhas células cerebrais estavam a todo vapor.

"Hmm..."

A voz da Shimamura me fez pular. Eu não sabia exatamente ao que ela estava reagindo, mas ignorei e tirei minha calcinha. Então, puxei meu maiô da bolsa. *Eu deveria ter tirado antes!* Minha falta de planejamento me deixou tonta.

“Oh, ho…”

Sério, o que será que ela estava reagindo?! Minha mente ficou em branco enquanto eu colocava o maiô e o subia.

“Ooh…”

Cada nervo do meu corpo estava focado na minha cabeça, e parecia que eu ia explodir. Incapaz de ignorá-la por mais tempo, me virei na direção dela com coragem.

Shimamura estava murmurando perto do ventilador elétrico. Cada vez que ele oscilava, ela oscilava junto.

Enterrei o rosto nas minhas mãos. *Às vezes eu realmente não te entendo, Shimamura!* Na verdade, ela estava começando a me lembrar da Nagafuji.

“Oh, já terminou de trocar?”

“…Sim…”

“Ah, ei, você não está usando o seu maiô da escola.”

“…É…”

Dado o que eu tinha visto da piscina daqui, talvez fosse estranho eu ter me dado ao trabalho de comprar um maiô novinho. Felizmente, eu tinha escolhido um maiô azul de uma peça só que acabou combinando com o de Shimamura, então provavelmente não ia me destacar tanto.

Ela se agachou para olhar as minhas babadinhas. “Fofo,” anunciou com uma voz animada.

Será que ela estava falando de mim ou do maiô? Por mais tentada que eu estivesse a perguntar, tinha a sensação de que ela diria algo maldoso como “Sem comentários”, só para me provocar. Mas, de qualquer forma, achei que não faria mal aceitar o elogio.

Olhada. Ao contrário do que eu esperava, a névoa desinfetante que atingiu meus pés estava surpreendentemente morna. Eu pude ver chuveiros fixados no

teto, mas não saía água deles. Em vez disso, um cheiro forte se espalhava pela saída, perfurando minhas narinas. Já fazia tanto tempo desde a última vez que eu fui a uma piscina pública, que levou um tempo para eu reconhecer o cheiro de cloro. *Olhada*.

Então, fomos até a área da piscina. Meu nariz logo se adaptou ao cheiro, e, em pouco tempo, eu parei de perceber completamente.

A piscina inteira estava dividida em seis raias, mas só podíamos usar a Raia 6, bem aqui perto da porta; as outras estavam ocupadas por adultos nadando sozinhos, de forma tranquila. Evidentemente, aquele não era um lugar para gritar e fazer palhaçada. Não que eu realmente conseguisse imaginar eu e a Shimamura fazendo palhaçada juntas. *Olhada*.

As pessoas que estavam fazendo exercícios de caminhada aquática ao longo da parede viraram para nos olhar. Provavelmente não esperavam que adolescentes aparecessem ali. Mas a atenção parecia não incomodar Shimamura; talvez ela já estivesse acostumada com isso. Dito isso, percebi que ela estava olhando para o outro lado da sala.

"Procurando alguém?" *A garota do festival, talvez?* Minha mente logo saltou para conclusões, e meu estômago começou a se revirar. *Olhada*.

"Eh? Mmmm… Ha ha ha ha…" Ela coçou a bochecha e riu de forma evasiva. *Olhada*.

"...Hã?"

Nesse momento, percebi meus movimentos repetidos dos olhos e comecei a me observar. Ela deu alguns passos — *olhada*. Eu andei atrás dela em um ritmo mais lento — *olhada*.

O sangue sumiu do meu rosto. Minha hipótese estava certa: meus olhos estavam sendo atraídos para a bunda da Shimamura.

Não é que eu estivesse encarando como uma pervertida, mas... de alguma forma, eu continuava olhando de vez em quando. Instantaneamente, minhas bochechas queimaram como se estivessem em chamas. A cor do meu rosto piscava como uma luz de aviso, meu sangue subindo e descendo mais intensamente do que um mar revolto.

Por algum motivo, eu estava especialmente focada na linha entre o tecido e a pele dela. Por quê? Uma pessoa pensaria que eu entenderia o meu próprio comportamento, mas ainda assim havia tantas perguntas sem resposta. Meu rosto inteiro ficou vermelho como se alguém tivesse jogado gasolina no fogo, e eu podia sentir o suor começando a escorrer.

Preciso me acalmar, AGORA. Olhei para a piscina ao nosso lado, então me inclinei e me joguei na água, rompendo a parede maleável do líquido. Quando atingi o fundo, olhei para cima. Eu não estava usando óculos de natação, então minha visão estava embaçada pelo cloro, mas eu podia ver a superfície da água acima de mim como um segundo teto. Decidi ficar olhando para a superfície até conseguir me recompor.

Exalando bolhas, afundei lentamente. Naquele momento, um pilar de água rompeu a superfície. Era a Shimamura, usando seus óculos de proteção e exalando bolhas assim como eu. Ela esticou os braços e as pernas e afundou ao meu lado. Quando ela se inclinou para frente, pude ver a linha divisória entre seu maiô e a lateral do seu seio. Assim, eu fiquei paralisada.

Ah, por que eu sou assim?! Ofegante, perdi ar demais e tive que voltar rápido para a superfície. Enquanto tossia e engasgava, Shimamura veio logo atrás de mim.

"Uau, parece que você já está se divertindo!"

"É, claro," respondi, forçando uma risada enquanto a água escorria do meu nariz. Pensando bem, talvez não fosse seguro eu ir para a piscina com a Shimamura. Evidentemente, eu era fácil de sucumbir à tentação.

Assim que recuperei o fôlego, limpei o rosto com as mãos. Finalmente, pude sentir o frio da água. Agora que estava de pé com os ombros submersos, meus olhos deram o primeiro movimento, nadando pelo local. *E agora?* Eu não tinha intenção de nadar calmamente como as pessoas nas outras raias.

“É gostoso, não é? Eu adoro isso.”

Aparentemente, a preocupação da Shimamura era se livrar do calor. Ela estava submersa até quase o queixo, flutuando como um crocodilo, e era até meio fofa. Mais fofa do que um crocodilo de verdade, pelo menos.

“Ah, isso me lembrou de uma coisa.”

Ela nadou até mim, seu rosto e mãos deslizando pela superfície da água como um sapo. Enquanto eu esperava, ela estendeu a mão e colocou na minha cabeça. Depois a moveu para frente e para trás como se estivesse me afagando.

“Fui dura com você no outro dia. Desculpa por aquilo.”

Ela se desculpou de um jeito que uma pessoa adulta falaria com uma criança, mas eu não tinha tempo para entender tudo isso. Foi tão repentino que eu não sabia como responder.

“Ah, é… não, não tem nada pelo que você… precise pedir desculpas.”

“É, eu também acho que nenhuma de nós dois tem culpa pelo que aconteceu.”

Era uma resposta bem Shimamura, para dizer o mínimo. Se a gama de emoções humanas pudesse ser comparada às quatro estações, então ela seria um clima tropical. Sempre razoavelmente quente, com uma brisa suave, e ainda assim...

“Mas eu não disse por mal. Foram meus sentimentos sinceros.”

Ela não tentou se esconder atrás de desculpas como “eu perdi a paciência” ou “saiu sem querer,” e eu pude apreciar sua honestidade direta. Eu nunca quis que ela se sentisse como se tivesse que andar na ponta dos pés ao meu redor. Enquanto isso, ela afagava minha cabeça como se tivesse sido promovida de minha irmã mais velha para minha mãe. *Se ao menos eu não estivesse usando uma touca de natação...* Eu conseguia perceber que estava ficando mais calma, como as águas.

“E a propósito, Adachi...”

“Sim?”

“Acho que você deveria tentar fazer amizade com mais pessoas.”

“...O quê?” No mesmo momento, levantei a cabeça.

“Obviamente, ainda vou continuar sendo sua amiga também,” ela esclareceu com um tom suave, mas repreensivo. “Mas acho que você deveria tentar abrir os olhos para as pessoas ao seu redor. Acho que isso vai te ajudar a se sentir mais estável.”

A princípio, eu me recusei a ouvir. Mas depois que terminou de falar, ela me olhou em silêncio, como se estivesse esperando eu mudar de ideia. Eventualmente, meus ombros relaxaram, e um momento depois, a água também. Finalmente, consegui pensar com clareza.

Essa foi uma sugestão perfeitamente razoável, motivada pelo meu apego excessivo a ela. Se alguém causou isso, fui eu... *Não, ela disse que nenhuma de nós duas tem culpa. Ela só quer que eu me acalme um pouco, só isso*. Mas, para mim, isso soou como uma rejeição — um campo de força erguido entre ela e eu. A mão na minha cabeça parecia estar me afastando.

“Eu... vou pensar sobre isso,” acenei, puramente para suavizar as coisas. Nesse momento, eu não tinha capacidade para mais nada.

“Ok. Quero dizer, eu sei que você é uma pessoa independente, então não vou te forçar mais do que o necessário.”

Eu podia ouvir a segunda metade não dita da frase dela: *Mas não posso garantir que vou tolerar muito mais disso.*

As coisas estavam indo tão bem entre nós ultimamente que eu quase tinha esquecido, mas Shimamura não era uma pessoa de coração quente — ela era apenas muito tolerante. Ela era generosa, mas não agia por impulso próprio.

Certo. Claro.

Parecia que alguém tinha jogado um balde de água sobre minha cabeça, e não, não era porque eu estava na piscina. Eu estava gelada até os ossos, muito mais fria do que a temperatura controlada da água. Se você tocasse minha pele, provavelmente eu pareceria gelo.

Foi naquele momento que finalmente percebi o que eu estava ignorando. A verdade é que o problema subjacente ainda não tinha sido resolvido. E não só isso, mas Shimamura nem sequer via isso como um "problema" em primeiro lugar.

Quando conversamos ao telefone ontem, ela nem sabia que tivemos uma briga, e me perdoou prontamente — uma prova de que mal registrou isso como algo relevante. Foi assim que chegamos até hoje tão facilmente. Eu achava que estávamos fazendo progresso, mas na verdade, nós duas estávamos apenas dando voltas.

Às vezes, o jeito que ela me tratava fazia meu sangue congelar.

“Shimamura…”

Ela estava tão perto, e ainda assim eu sentia um abismo entre nós. Assustada, chamei seu nome.

“Hmmm?” ela respondeu devagar, quase com preguiça.

Justo naquele momento, avistei algo se movendo na água atrás dela. Eu podia ver bolhas subindo, mas o que seria? No momento em que me inclinei para olhar melhor, porém, Shimamura de repente se submergiu. O intruso subaquático a havia agarrado pelos ombros e estava puxando-a para baixo.

“Oh, meu Deus, Shimamura!”

Enquanto eu entrava em pânico, a misteriosa agressora disparou para fora da água. Com uma risada estranhamente familiar, ela fugiu do local, levantando sprays de água enquanto corria, até pulando sobre as divisórias entre as raias. Apesar da resistência da água, ela estava, de alguma forma, estranhamente ágil. Se eu visse um monstro *kappa* na vida real, provavelmente seria assim que ele se moveria. Quando *ela* chegou aqui, afinal?

Enquanto isso, Shimamura voltou à superfície. Ela limpou o rosto, depois lançou um olhar fulminante na direção da infratora em fuga. Mas de lado, eu pude ver o canto da boca dela se curvando para cima, e seus olhos estavam brilhando. Parecia muito que ela estava sorrindo.

“Me prometa que você não vai ser como *ela* quando crescer, tá?”

“Tá,” respondi distraída enquanto via a água escorrendo pelo rosto dela. Ela parecia chateada, mas eu podia ver que não estava. Parecia que ela reservava todas as suas emoções exclusivamente para os membros da sua família, e eu estava profundamente com inveja.

Se *eu* fosse mãe dela, talvez eu *quisesse* que ela olhasse para mim assim.

***

Depois que saímos da academia, a Sra. Shimamura se encontrou conosco como se nada tivesse acontecido. “Vá até o açougue e compre alguns croquetes.”

“Não tem mais nada que você deveria me dizer?”

“Olhe para os dois lados antes de atravessar a rua!”

“Ah, *valeu*, mãe.”

Enquanto isso, eu observava a troca entre elas e admirava o vínculo de mãe e filha. Até eu podia perceber o quão próximas elas eram.

Então, Shimamura subiu de novo na minha bicicleta e fomos até o Açougue Nagafuji. Por algum motivo, havia uma mascote de fada de cabelo azul em exibição na frente. Por que ela parecia tão familiar? Não havia sinal da Nagafuji também.

“Parece que raramente vejo sua filha por aqui,” comentou Shimamura.

“Confie em mim, você não vai querer isso. A garota é inútil,” respondeu o Sr. Nagafuji, afastando a mão em um gesto de desdém. Nos fundos, eu pude ver uma porta tremendo, mas decidi não perguntar. Afinal, isso ainda era um item importante na minha lista de afazeres: fazer compras com a Shimamura.

...Ainda conta, né?

Depois de comprarmos os croquetes, fomos de volta para a casa da Shimamura. Esta era apenas a segunda vez que eu passava a noite lá, mas dessa vez eles tinham preparado uma cadeira para mim com antecedência. Como resultado,

todos nós ficamos apertados ao redor da mesa, e eu me senti mal por causar isso.

Algumas pessoas poderiam comparar o calor de uma mesa de jantar completamente ocupada com felicidade e amor. Não querendo ser rude com as pessoas que me receberam em sua casa por aquela noite, mas, para mim, era um inferno. Ok, talvez não exatamente. Mais como se eu não estivesse… imunizada a isso, já que raramente vivenciava isso por mim mesma. Sem essa imunidade, era veneno para o meu sistema.

“Desculpe por invadir a refeição de vocês…”

“Ah, tudo bem,” disse a Sra. Shimamura.

“Nem deu trabalho,” disse a garota de cabelo azul.

“Isso não é da sua conta, sua pestinha!”

“Hee hee hee hee!”

A garota (esqueci o nome dela) estava sentada à mesa de jantar da família como se morasse ali. Ela até estava brincando com a Sra. Shimamura! Enquanto isso, o resto da família nem sequer levantou uma sobrancelha!

“Não se preocupe com isso,” Shimamura insistiu enquanto bebia calmamente sua sopa de missô.

Ela era tão… *tolerante*. Eu não tinha palavras para realmente descrever isso. Se eu tivesse crescido morando com os pais dela, também seria tão mente aberta? Porque isso nunca aconteceria na minha casa. Minha mãe chamaria a polícia antes.

“A mamãe é sempre assim,” ela continuou.

Ah, é disso que você está falando. Mais uma vez, fui lembrada de que Shimamura vivia no seu próprio mundo… mas foi exatamente essa qualidade única que me atraiu. Bem, isso e o brilho do seu cabelo ainda úmido. Eu ficava olhando para ele de canto de olho, admirando.

Enquanto mastigava sem entusiasmo minha porção de comida, pensei sobre o nosso dia na piscina. Se ao menos pudéssemos passar todos os dias grudadas uma na outra... Se fôssemos pedras em vez de folhas, com certeza até o rio do tempo não conseguiria nos separar. Não era exatamente isso o que eu queria?

A única razão pela qual eu questionava isso era... bem, porque eu não tinha experiência com isso, provavelmente. Eu não tinha experiência com muitas coisas. Claramente, eu precisava trabalhar nisso; até Shimamura estava

sugerindo isso indiretamente, e neste ponto, eu estava razoavelmente disposta a tentar. Mesmo sabendo que não era feita para lidar com coisas sociais, essas habilidades com certeza seriam úteis em alguns momentos... e agora era um desses momentos. Essa foi a conclusão a que cheguei enquanto tomava meu chá pós-jantar.

Então, quem seria o meu primeiro alvo? Olhei para ela timidamente, com os olhos baixos. *Ah, ela já está saindo da mesa!* Eu rapidamente terminei minha bebida, engasguei um "Obrigada pelo jantar" e saí da cozinha.

Eu havia fixado meu alvo na irmã mais nova da Shimamura. Em parte porque ela era irmã da Shimamura, mas principalmente porque ela me lembrava tanto de mim mesma. Por mais difícil que fosse admitir, nós duas tínhamos o mesmo tipo de personalidade. Pensei que talvez fosse mais fácil entender as motivações dela.

Quando ela se dirigiu de volta para o quarto das meninas, eu a segui até o corredor. De lá, acelerei o passo. Eu ainda não tinha decidido completamente o que fazer, mas já havia me aproximado dela. Como eu tinha as pernas mais longas, acabei ganhando uma vantagem de velocidade.

Passei por ela e me virei para encará-la. Assustada, ela pulou, seus acessórios de cabelo balançando com o movimento. Reflexivamente, eu toquei meu grampo de cabelo.

"Escuta, é que..." Eu comecei a falar antes de estar totalmente preparada, e agora minha voz estava quase falhando. "Ah, meu nome é Adachi Sakura, e..."

Com a mão no peito, me apresentei. No começo, ela me encarou com os olhos arregalados e a boca aberta, mas com o tempo, foi se recompondo. Envolvida pela minha sombra, a garotinha me lançou um olhar de desdém, e eu podia sentir minha coragem indo embora.

"Eu sou a... er... sou amiga da sua irmã, a Shimamura." Eu tropecei nas palavras como se estivesse tentando montar uma conversa com um turista estrangeiro. *Meu Deus, por que estou agindo como uma idiota?*

"Certo," ela respondeu com uma voz dura.

O ar entre nós estava tão seco quanto um deserto; minha garganta estava seca demais para continuar. Imediatamente senti vontade de desistir e sair correndo. Mas não consegui me livrar da sensação compulsiva de que algo na minha vida precisava mudar, e foi esse pensamento que me manteve parada. Forçando um sorriso, me ordenei a me manter firme. Cada músculo do meu rosto protestou, mas, mesmo assim, escolhi o momento exato em que ela recuou para dar mais um passo à frente.

“E eu gostaria” — *será que eu gostaria?* — “que nós duas pudéssemos ser amigas também... hum... queridinha. Então, eu estava me perguntando, hum... você gostaria de sair comigo hoje à noite?”

“Com você?”

“Sim.”

“Pra fazer *o quê*?”

***

Então eu estava lá, na banheira. Estava tão silencioso que eu realmente ouvi um alfinete cair. Mas, na verdade, foi uma alucinação auditiva causada por um banho quente e longo demais. Francamente, essa banheira não era realmente grande o suficiente para duas pessoas, ainda mais porque estávamos uma de frente para a outra.

Para deixar claro, não, eu *não* arrastei a irmãzinha da Shimamura para o banheiro e rasguei as roupas dela. Eu apenas fiz uma sugestão, pedi educadamente, e agora estávamos aqui. Portanto, acho que é seguro dizer que ela consentiu com isso em algum nível. Claro, ela não tinha falado uma palavra durante todo o tempo, mas crianças da idade dela adoravam tomar banho em grupo, certo?

Agora que penso bem, tomar banho com a Shimamura estava na minha lista de coisas a fazer... e como ela era uma “Shimamura”, tecnicamente, isso contava. Difícil me dar uma estrela de ouro por uma simples formalidade, no entanto.

“Então você é amiga da minha irmã?” A pequena Shimamura perguntou de repente, com o rosto parcialmente submerso, soprando bolhas na água enquanto falava.

“Uh… s-sim…?” Eu não conseguia entender o tom dela, então não sabia que atitude tomar. No lugar disso, acabei parecendo que tinha medo de uma menina que tinha uns cinco ou seis anos a menos que eu.

“Por quanto tempo?”

Eu não sabia como deveria responder a isso. Se eu soubesse com certeza quanto tempo nossa amizade duraria, não passaria todos os dias estressada e assustada.

“Porque eu sou irmã dela há muito mais tempo,” ela continuou antes que eu pudesse responder.

Então percebi que havia entendido mal a pergunta dela. Ela estava perguntando *há quanto tempo*, não *por quanto tempo* mais seria. Agora que pensei bem, “Por quanto tempo vocês vão ser amigas?” era uma pergunta levemente ameaçadora, especialmente vindo de uma menina da escola primária.

“Então, é isso.” A fachada de educação dela estourou como uma bolha de sabão.

Aparentemente, essa menina me via como sua inimiga. Ela provavelmente estava tão obcecada pela irmã quanto eu, por isso era tão contrária à minha presença. Mas esse pensamento me *agradou*. Ela me via como uma ameaça real! Pessoalmente, eu estava bem invejosa da posição dela como irmã da Shimamura. Sempre quis um termo especial para o *nosso* relacionamento também.

O silêncio caiu entre nós enquanto a água escorria do cabelo que havíamos lavado uma para a outra em silêncio. Uma voz na minha cabeça gritava: *faça algo!* Enquanto isso, o calor aumentava, esmagando minha cabeça.

Como na piscina, não adiantava ficar aqui parada. Nenhum progresso seria feito assim. Eu precisava sair do status quo, fosse para frente ou para trás, e isso significava que eu tinha que agir. Mas o que eu poderia fazer? Jogar água nela? Ela provavelmente me bateria!

Ainda assim, minhas opções eram bem limitadas aqui no banheiro. A banheira da família Shimamura era um retângulo simples — decente em comprimento, mas não muito larga. Eu nem conseguia esticar as pernas. Mesmo com os joelhos dobrados até o queixo, nossos pés ainda se tocavam. Por que eu decidi que deveríamos ficar de frente uma para a outra? Teríamos mais espaço se tivéssemos ficado lado a lado!

Subconscientemente, meu olhar encontrou o dela, e pequenas faíscas voaram. *Haha, parece que a água subiu pra cabeça*, brinquei comigo mesma. O calor estava derretendo meu cérebro a ponto de eu começar a fazer trocadilhos ruins.

“Por que um banho?” ela exigiu bruscamente.

“Bem, eu queria... te conhecer.”

Eu deveria ser a mais madura, mas soei tão patética. Os cantos da minha boca se contorceram em derrota. Mas talvez a Pequena Shimamura tenha interpretado isso como um sorriso. Ela fez um biquinho.

“Por quê?”

Essa foi a pergunta mais difícil dela até agora. Eu podia sentir o vapor me envolvendo antes que eu encontrasse uma resposta. “Eu... não sei.”

Porque a Shimamura me disse para fazer novos amigos? Porque eu queria a aprovação dela, entre outras coisas? Sim para tudo isso. Mas não havia algo mais nisso? O que aconteceu com o “ama teu próximo”?

Quanto mais tempo ficávamos no banho, mais vermelhas ficavam as bochechas da Pequena Shimamura. A cena me lembrou de uma pergunta divertida que eu poderia fazer.

“Então, é... você ama a sua irmã mais velha?”

“HEIN?!”

Ela se levantou rápido, inadvertidamente me espirrando água na cara. Agora a vermelhidão havia se espalhado até suas orelhas — seria por causa do vapor? Ou havia algo mais?

Lentamente, ela se abaixou novamente na banheira. “Bem, sim, mas... só um *pouquinho*,” ela murmurou de forma monótona, como se estivesse totalmente desinteressada.

Eu podia perceber sua teimosia por trás de sua pele avermelhada. Para mim, era tão óbvio o que ela realmente sentia. *Minhas* emoções eram tão óbvias para os outros?

“Ah... entendi. Bem, docinho... Tenho certeza de que a Shimamura provavelmente... te ama muito.” Minha garganta estava apertada, e havia uma pressão no meu peito. “E eu me importo com todos com quem ela se importa.”

Aquecida pelo ar vaporoso, minha língua parecia mais disposta a cooperar, mas... será que eu realmente sentia isso? Não era o exato oposto? Para ser bem sincera, eu tinha medo de que a Shimamura fosse acabar amando alguém que não fosse eu. Eu *ressentia* as outras pessoas na vida dela. Então, por que eu estava mentindo? O que eu estava tentando alcançar? Minha mente estava completamente embaçada pela vertigem.

“Por que isso importa pra você?”

“É como a Regra de Ouro, sabe?”

(Nota: A Regra de Ouro é o princípio de tratar os outros como alguém gostaria de ser tratado por eles. Às vezes é chamado de ética da reciprocidade, o que significa que você deve retribuir aos outros como gostaria que eles o tratassem (não necessariamente como eles realmente o tratam).

De onde vieram essas palavras sábias? Certamente não do fundo do meu coração. Minha cabeça estava doendo tanto que eu quase podia sentir o vapor

saindo das minhas orelhas. Talvez eu estivesse tão envergonhada de mim mesma por ser uma mentirosa descarada.

“Você soa como uma moça certinha,” ela comentou, descrevendo acertadamente minha personalidade polida e exterior. Depois, após uma pausa... “Igual a mim.”

Com isso, ela sorriu ligeiramente — ou, mais precisamente, deu um sorrisinho. O gesto era sarcástico demais para ser uma demonstração genuína de afeto, mas ainda assim senti que tínhamos estabelecido um pequeno laço. E, se conseguimos nos conectar de alguma forma, então, para mim, isso foi (espero) um progresso. Eu não precisava que tudo mudasse da noite para o dia. Poderíamos ir passo a passo até, eventualmente...

“Final feliz?”

Uma cabeça coberta de cabelo azul surgiu de um lado da banheira, e eu gritei.

“Yachi! Quando *você* entrou aqui?”

“Heh heh heh! Parece que você ainda tem muito a aprender, Pequena.”

Isso não respondeu a pergunta nem um pouco. Nós nem ouvimos a porta abrir, então como ela entrou? E ela ainda estava usando as roupas, também. A fantasia de leão estava afundando seus dentes no rosto dela.

Então, a garota se virou para me encarar. O vapor que subia fez seus brilhos azul aqua se transformarem em um tom verde-água claro; se eu os respirasse, será que meus pulmões ficariam refrescados, como menta? Mas, pensando bem, nenhum vapor seria capaz de ser tão fresco e revigorante.

“Você alcançou o final feliz?” ela perguntou, reformulando a questão. Desta vez, era claramente direcionada a mim. Mas eu estava longe de um “final” ainda. Na verdade, nem sequer começamos.

Nesse momento, a inocência se desfez de seu olhar puro e claro, revelando um vislumbre das profundezas interiores. Seus olhos eram tão grandes e brilhantes que parecia que eles eram infinitamente vastos... como se guardassem não apenas estrelas, mas um universo inteiro. Frente a esses olhos, perdi o equilíbrio e caí no vazio do espaço.

“Uh... provavelmente?” *Isso deve ser bom o suficiente... eu acho.*

“Bem, então, que bom para você.” Ela assentiu, e sua expressão sábia desapareceu, dando lugar a um sorriso juvenil. “Agora vou indo.”

“Ah! Yachi, espera! Já que você está aqui, pode muito bem entrar na banheira!”

“Eu recuso!”

Ela começou a correr, com as mãos estendidas à frente. Como ela entrou aqui ainda era um mistério, mas aparentemente ela ia sair pela porta como uma pessoa normal.

“Espera aí, mocinha!” A Pequena Shimamura pulou da banheira, abandonando sua hostilidade rígida para agir conforme a idade dela. “Peguei!”

“Chrrrrp! O que você está fazendo comigo, Pequena?!”

Enquanto a Pequena Shimamura se agarrava a ela, a garota soltou um grito agudo. Isso me lembrou da amizade de Hino e Nagafuji, e percebi: era assim que um relacionamento próximo se parecia.

Espera, então... eu acabei de desperdiçar meu tempo? Sem motivo algum?

Eu queria acreditar que não era o caso, mas estava tonta demais para pensar direito. Encostando minha cabeça na beirada da banheira, olhei para o teto e ouvi as vozes alegres se afastando. Algo embaçado cobriu meus olhos e ouvidos.

Quente demais...

“Urggg...”

No fim, acabei superaquecida como um processador de computador.

***

Deitada ali de olhos fechados, o zumbido do ventilador me envolvia. Eu estava descansando no chão do andar de cima, no quarto que me foi designado. O calor ainda não havia diminuído, e minha pele ardia como se estivesse inchada.

Será que a Pequena Shimamura estava bem? A última vez que a vi, ela ainda estava brincando no banheiro com aquela garota de cabelo azul. *Crianças têm tanta energia*, pensei, enquanto olhava sem foco para o nada. Para um adulto, eu provavelmente parecia uma criança também. Mas muito tempo havia passado, e eu tinha percorrido um longo caminho.

Houve uma batida na porta, e minhas pernas, antes esticadas, se retesaram em expectativa.

“Vou entrar!”

E, como eu esperava, minhas preces foram atendidas, e Shimamura entrou. Abri os olhos e olhei para ela. Ela usava seu pijama e carregava algo embrulhado em uma toalha de mão.

“Trouxe uma bolsa de gelo.”

“Ob-obrigada…”

Um sorriso travesso surgiu em seu rosto. “Ou você prefere descansar a cabeça no meu colo?”

“No seu colo!” respondi sem hesitar por um segundo. Fui fisgada na hora.

Ela me olhou, surpresa tanto com a minha escolha quanto com o meu entusiasmo. “Acho que a bolsa de gelo provavelmente vai ser mais confortável…”

“Não, uh… Não preciso dela, sério!” comecei a acenar as mãos para enfatizar minha recuperação, mas então me ocorreu que ela também poderia achar que eu não “precisava” do colo dela. “Quero dizer, não estou 100%, mas sim! O seu colo seria ótimo.”

Será que eu parecia uma esquisita por querer isso tão desesperadamente? *Tarde demais para me preocupar com isso, acho*. Afinal, ela já me via como uma estranha no mesmo nível daquela garota esquisita de cabelo azul. Agora que eu estava pensando direito, isso era algo bem significativo.

Rindo baixinho enquanto cobria a boca com a mão, Shimamura se ajoelhou em frente ao ventilador. Então, ela segurou minha cabeça suavemente e a apoiou em suas coxas macias e aconchegantes. Aos poucos, o calor começou a ganhar um ritmo próprio, fazendo minha cabeça latejar.

Na verdade, isso provavelmente era perigoso para minha saúde. Minha visão estava anormalmente nítida, como se meu cérebro tivesse aberto todos os poros do meu corpo ao mesmo tempo. Se Shimamura não tivesse colocado a bolsa de gelo do outro lado da minha cabeça, eu poderia ter entrado em colapso. Espremida entre dois travesseiros, meu campo de visão se estreitou.

Isso é mais do que eu mereço, pensei, enquanto meus pés balançavam inquietos. Se fosse isso que me esperava depois de cada banho demorado, eu talvez nunca saísse da banheira.

“Melhorou?”

“Uhum.” Minha voz saiu abafada. Não porque eu estivesse enfiando o rosto nas coxas dela de propósito ou algo assim — era só que a bolsa de gelo era muito pesada.

“Eu achei que você tinha dito que gostava de calor”, comentou Shimamura, me provocando ao repetir a desculpa de última hora que eu tinha dado a ela pelo telefone ontem. Decidi ignorar. Mas enquanto eu fingia estar distraída, ela veio com algo verdadeiramente estranho: “Acho que você é mesmo uma escultura de gelo.”

Isso era tão confuso que eu não podia simplesmente deixar passar. “O quê?” *Sério, de onde ela tirou isso?*

“Você não lembra? Pensando bem, é claro que não lembraria. Você não saía por aí *se chamando* assim, afinal.”

“Me chamando de *quê*?”

“Bom, em algum momento no começo do ano, hum… na verdade, não lembro se foi Sancho ou Panchos, mas… uma das garotas que estudaram com você no ensino fundamental disse que todo mundo te comparava a uma escultura de gelo.”

“Eu…”

Eu não fazia ideia disso. Afinal, mal falava com alguém naquela época… *Bem, isso provavelmente explica tudo. Mas gelo? Sério? Será que eu era tão fria com as pessoas assim?*

“Mas quando olho para você agora, não vejo gelo. Vejo mais como…”

Houve uma pausa, e eu senti que ela desviou o olhar. “Mais como o quê?”

“…Ah, você sabe!”

Ela soltou uma risada seca, e eu não sabia se queria insistir no assunto. *Deveria me sentir ofendida? Escultura de gelo? Ugh, que vergonha!* Só de pensar que ela poderia usar isso contra mim para sempre, meu cérebro quase derreteu. Eu me remexia em silêncio até que, por fim, ela teve a misericórdia de mudar de assunto.

“Se quer saber, eu gosto mais das *suas* coxas do que de emprestar as minhas pra você.”

“Ah. Certo… é.”

Minha resposta saiu com um pequeno atraso enquanto eu tentava decifrar se aquilo era um elogio ou uma reclamação. No final das contas, não era nenhum dos dois — era só a Shimamura sendo a mesma preguiçosa de sempre. Quando foi a última vez que a cabeça dela esteve no meu colo, afinal? No inverno

passado? Eu ainda lembrava da sensação estranha e empolgante que tive ao olhar para o rosto dela enquanto dormia. Qual era o nome disso? Você pederia pensar que eu já sabia, mas ainda estava tentando descobrir.

“Então você queria tomar banho com a minha irmã?”

A pergunta repentina me fez arregalar os olhos. Se eu dissesse que sim, as chances de criar um mal-entendido indesejado seriam enormes.

“Não, uh, não exatamente a parte do ‘banho’!” expliquei apressadamente, balançando as mãos. “Eu só queria… conhecê-la melhor…” *Na verdade, eu preferiria tomar banho com você* — quase deixei isso escapar.

“E conseguiu?”

“…Um pouco, eu acho…” *Talvez uns 0,000001 por cento.*

Estranhamente, o peso e o valor desse primeiro passo pareciam diminuir a cada passo seguinte. Quanto mais sucesso você tinha, menos provável era que fosse notado.

“Hmmm…”

Shimamura balançou a bolsa de gelo, e minha cabeça balançou junto com ela. Eu podia ouvir o som seco do gelo batendo logo acima… mas por quanto tempo aquilo duraria, exposto à minha febre?

“Bom, pra ser justa, você é bem adorável.”

Meu peito apertou junto com a garganta enquanto eu segurava um grito. Eu sabia que ela estava tentando dizer que a *irmã dela* gostava de mim, mas soava muito como se ela estivesse insinuando que *também* gostava… *Não, não seja ridícula.*

“Eu realmente não acho que ela se sinta assim.”

“Não, tô falando sério… Não lembro se já te falei, mas minha irmã é, tipo, super tímida. Tenho certeza de que ela não entraria na banheira com alguém de quem não gostasse.”

“…Bem…”

Minha resposta foi tão atrasada que provavelmente me fez soar sonolenta. Honestamente, os sentimentos da irmã dela por mim eram mais complicados do que puro afeto. Talvez ela só tenha aceitado meu convite para avaliar se eu era digna de sua irmã mais velha. Será que passei no teste? Ou era apenas uma

incômoda? Se uma garotinha me mandasse embora como quem *espanta uma mosca*, isso provavelmente destruiria qualquer autoestima que eu tivesse.

“Acho que ela é mais perceptiva do que você imagina.”

“Sério?” No início, ela parecia questionar, mas então seu tom mudou. “É, talvez você tenha razão. Talvez você veja algumas coisas que eu não vejo.”

Sim, eu vejo. Como os raros momentos de gentileza da Shimamura e todas as outras coisas incríveis sobre ela. Mas, se eu tivesse que adivinhar, ela provavelmente não fazia ideia de nada disso.

Neste momento, a maioria dos meus pensamentos e sentimentos não tinha conexão com os dela. Eu só podia esperar que, um dia, a visão dela se alinhasse com a minha.

Através da estreita abertura sob a bolsa de gelo, eu podia ver o ventilador oscilando.

“E apesar de como você sempre age, eu tenho certeza de que *você* tem um lado maduro também.”

Embora a forma como ela colocou a primeira parte da frase desse margem para muitas perguntas, eu estava mais interessada na segunda parte. *Um “lado maduro”? Você quer dizer a parte onde passo todos os dias sofrendo por causa de você?*

“Adachi, você já pensa no que vai fazer quando crescer?”

A palavra *maduro* se conectou perfeitamente com a frase *crescer*. Achei que ela não esperava que eu tivesse algum tipo de insight sábio e profundo, então não me dei ao trabalho de pensar demais. “Bem, eu provavelmente… vou arranjar um emprego, eu acho?”

Foi uma resposta bem sem graça, até para mim. Eu estava um pouco distraído pelas coxas.

“É, eu sei disso. Quero dizer, que tipo de trabalho você vai ter? Que vida você vai levar? Tem muitos aspectos, sabe?”

As perguntas dela fluíam uma após a outra, quase como se ela estivesse mais *se* perguntando do que me perguntando.

Para ser sincera, embora eu tivesse muitas preocupações sobre o resto da minha vida, raramente parava para pensar criticamente sobre como seria. Eu já estava lutando com a vida que eu tinha *agora* — especialmente as partes que

envolviam a Shimamura. Ser espremida entre a bolsa de gelo e as pernas dela já era o suficiente para acabar com as minhas células cerebrais.

Se havia algo que eu desejava da minha eu adulta, era ficar com a Shimamura, por mais infantil que fosse.

“Tá se sentindo mais fresca agora?”

“…Um pouco,” respondi, dizendo só metade da verdade. A parte de cima do meu rosto estava praticamente congelada, mas a parte de baixo ainda estava corada. Eu não queria que esse momento acabasse, então menti para ganhar mais tempo.

“Hmmm. Talvez a bolsa de gelo não esteja ajudando muito.”

“Hã?”

Ela tirou a bolsa de gelo do meu rosto, saiu debaixo da minha cabeça e se levantou. Meu crânio bateu no chão com um *baque*, e eu me xinguei internamente. *Graaah!* Enquanto eu me afundava no arrependimento silencioso, ela olhou pela janela.

“Talvez lá fora...? Você acha que estaria mais fresco lá fora do que aqui dentro?”

Ela me olhou para ouvir minha opinião. *Graaah...* Eu levantei a cabeça. “Lá fora?”

“É, tipo, na sacada onde a gente pendura a roupa?”

Devagar, eu me levantei e fui até ela para espiar lá fora. Não tinha percebido até aquele momento, mas... o que eu achava que era uma janela na verdade era uma porta para a sacada. Era um espaço bem pequeno, pra ser sincera — mal caberia dois, pelo jeito.

Nós saímos para a sacada e ficamos lado a lado. O ar lá fora estava... não muito diferente de dentro. Esperamos, mas nenhuma brisa fresca veio para aliviar o calor pesado.

“Não tá muito refrescante, né?”

“Nada…”

“Quer voltar para dentro?”

Eu balancei a cabeça, então peguei sua mão — não de maneira *agressiva*, mas mais calmamente. Finalmente estávamos sozinhas; meu coração bateu forte no

meu peito enquanto entrelaçava meus dedos nos dela. Depois, após uma pausa, ela apertou de volta. O sangue correu pela metade congelada do meu rosto, aquecendo-a novamente.

Olhamos para a paisagem — um fragmento de um bairro residencial tranquilo. Enquanto meus olhos percorriam as silhuetas tênues das casas e as luzes vermelhas e chamativas nas torres de celular, parecia que eu estava olhando para o espaço ou para as profundezas do oceano. A escuridão espessa preenchia cada canto e recanto desta cidade.

Mas quando olhei para as nuvens que passavam lentamente pelo céu estrelado, percebi que a noite tinha um brilho próprio. As janelas dos prédios altos, as luzes piscando das torres, a lua... Como um espelho, ela absorvia nosso brilho e o refletia suavemente de volta para nós. E eu absorvia tudo sem me cansar disso.

Lá no alto, no céu, eu podia ver a beleza daquelas nuvens fofas... e por um breve e radiante momento, Shimamura compartilhou a mesma visão.

Quando nos deparamos, nossas mãos se afastaram ligeiramente — só o suficiente para esticarmos nossas asas. E enquanto ficávamos ali sob a quietude da noite, eu me perguntava que palavras eu poderia encontrar para descrever nossa conexão.